



CPI AMERICANAS

Números maquiados, assinaturas falsas e conivência de auditorias: o que o CEO da Americanas contou

CEO da empresa, Leonardo Coelho Pereira, mostrou troca de e-mails e mensagens sobre a construção de um lucro fictício

O esquema de fraude bilionária da Americanas foi descortinado na terça-feira, após divulgação de comunicado pela empresa, e o depoimento do atual CEO, Leonardo Coelho Pereira, na Câmara dos Deputados. Documentos apontaram para construção de uma estrutura complexa para sustentar balanços falsos e lucros inflados.

Entenda os seis principais pontos apresentados por Pereira que teriam colaborado para falsificação contábil na companhia.

Balanços maquiados e planilhas secretas

A empresa criava contratos falsos de Verba de Propaganda Cooperada (VPC) com fornecedores **para reduzir custos, gerar falsas verbas e reduzir prejuízos.**

A **receita inflada** era colocada em uma planilha com acesso apenas à diretoria-executiva da empresa.

Os documentos possuem uma coluna com a nomenclatura "visão interna", apresentando um prejuízo de R\$ 733 milhões. Outra coluna, com a nomenclatura "visão conselho", mostrava lucro de R\$ 2,8 bi.

Falsificação de documentos

Leonardo Coelho Pereira mostrou **falsificação de assinaturas em cartas de risco sacado**, um tipo de crédito dado a grandes empresas.

-

- **O documento foi escaneado**, a assinatura recortada e colocado em um documento falso - disse.

O CEO da Americanas mostrou ainda uma troca de mensagens do antigo diretor Timotheo Barros. O texto diz: **"Não podemos mostrar para conselho e mercado nada acima de 3 bi. Será morte súbita".**

O número se refere à alavancagem de lucro editada pela companhia.

Auditorias seriam coniventes

Pereira afirmou que as consultorias KPMG e PwC permitiram a alteração de cartas de controles a pedido da diretoria da companhia Americanas.

De acordo com ele, um relatório inicial da KPMG mostrava "deficiências significativas nos balanços da empresa", no início de 2017.

Esse não foi divulgado e acabou sendo substituído por uma carta de "recomendações que merecem atenção da Administração", sem apontar as deficiências anteriores.

Lucros fictícios

O CEO da Americanas afirmou que o sistema de fraude era complexo e criava-se um lucro fictício. Esses lucros geraram dividendos que foram distribuídos a acionistas e alimentaram o pagamento de bônus aos diretores.

-

- Os fraudadores conhecem o sistema de governança e se fraudam documentos para que pareçam lícitos. Pode ser por isso que as auditorias não tenham percebido - afirmou.

Conselho sem acesso a números reais da dívida

Leonardo Coelho Pereira justificou que o Conselho de Administração da empresa não tinha conhecimento das dívidas porque a comunicação dessas só ocorrem quando atingem 5% do faturamento.

-

Esse valor seria de R\$ 700 milhões. Quando os documentos de balanço foram fraudados, as dívidas ficavam sempre abaixo disso.

-

- Essas dívidas não passaram pelo conselho de administração.

Ao que tudo indica, ocorreram trocas entre a diretoria e a KPMG para amenizar as análises - afirmou.

Bancos teriam aceitado suavizar situação

Leonardo Coelho Pereira disse que os bancos citados em trocas de e-mails e mensagens entre ex-diretores da Americanas, como Itaú e Santander, aceitaram modificar a redação de cartas de risco sacado para suavizar a real situação da dívida da companhia.

-

- Com relação a Itaú e Santander, se eles foram enganados na troca de e-mails? Não, aquela troca de e-mails não se trata disso. Ali também, naqueles exemplos, tem os bancos suavizando um teor.

Se eu não me engano, ali estava "**trocar sacado por emitido**". Consigo dizer que os documentos mostram uma troca de informações entre os bancos e pessoas de dentro da companhia, puxados por pessoas da companhia.

Os bancos mencionados aceitam suavizar a redação da carta - disse

https://www.folhape.com.br/economia/numeros-maquitados-assinaturas-falsas-e-conivencia-de-auditorias-o/275519/?utm_smid=10626132-1-1